

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 11 – 2007, NOVEMBRO

Assinatura até Dezembro de 2008: 13 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Como taza en que hierve de transparente vino en doradas burbujas el generoso espíritu; como inquieto mar joven del cauce nuevo henchido rebosa, y por las playas bulle y muere tranquilo;

Como manada alegre de bellos potros vivos que en la mañana clara muestran su regocijo, ora en carreras locas, o en sonoros relinchos, o sacudiendo al aire el crinaje magnífico; –

José Julián Martí 1853-1895, Ismaelillo; Penachos Vivos

José Martí Poesía Completa, Tomo I,

Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Vindo de longe, do alto da montanha, o rio desce pelos vãos da serra. Por entre pedras o caudal se assanha, invade a mata umedecendo a terra. Pelo caminho agilidade ganha e pouco a pouco mais volume encerra. Já na planície, com vigor se entranha e um grito de vitória o rio berra. Daqui por diante a história é diferente. A natureza fica descontente pela agressão que o rio vai sofrer. Ninguém respeita o velho curso d'água, maltratam-no e aumentam sua mágoa. De poluição o rio vai morrer!	Um sentimento nobre, a amizade, une pessoas que sinceras sejam. Tendo tudo a lembrar fraternidade, leva alegria aonde quer que estejam. Amigos para sempre, de verdade, o bem de seu amigo é o que desejam. Às vezes dão-se mesmo à liberdade de discutir, mas entre si gracejam. Triste a pessoa que não tem amigo, que, em solidão, lamenta sua vida, fechada em si, queixando-se consigo. Feliz aquele que amizaes tem, que, se preciso, o ampara na descida pois a seu lado sempre existe alguém.	Dói-me forte no peito, intensamente a dor de não servir como quisera. Talvez porque eu não seja tão presente nem ter assim a alma tão sincera. Diz, dócil, o coração: vai, segue em frente, faz tornar real tua quimera. E me fala a razão, benevolente: mostra, pois, que tens força, de uma fera. Mesmo que pouco, com amor eu faço o bem que posso, sem estardalhaço, inda que menos do que eu gostaria. De qualquer modo, pois, minha passagem por esta vida deixa uma bagagem: se não fiz muito, tive serventia.	Dilema
Triste História de Um Rio	Belo Sentimento		
Gilson Rangel Rolim – Dois Momentos, 2006: olgins@bol.com.br			
"Continuas sendo constante presença. Falta muito ainda para que sejas apenas saudade."			

Quanto mais rápido passa o tempo a mim concedido, mais grato eu sou pela graça de cada instante vivido! A. A. de Assis, 0710 Bali, fones: 022 3861-2318 - 3197 kleberleite@terra.com.br	Mil beijos, de longe, ouvia, na tua voz tão gentil, mas, de fato, preferia um, de perto, em vez de mil!!! Alba Helena Correa, 0706, LIN-teratura, Pça. Fco.Rezende Costa 283 35500-427 – Divinópolis, MG	Deus é poeta, suponho, e querendo ser gentil, tirou Friburgo de um sonho para ofertar ao Brasil! José Paulo Tavares, 0710, Quatro Versos elisabethsouzacruz@yahoo.com.br	Eu não sei porque flutua o meu modo de enxergar; olhando o mar vejo a lua, vendo a lua cadê o mar? Lacerda Júnior, Fanal 0709 Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP	Da defunta, a dentadura, cai... o Zé pisa e se corta... a sogra é parada dura: morde até depois de morta! Pedro Ornellas, 0710 Sem Limites ercy.maria@itelefonica.com.br	Se o passado legendário marca um futuro de glória, no presente centenário Caicó faz sua história. Raimundo Moura Maranhão, Versos Diversos, Nº 01 www.trovaueversos.hpgvip.com.br
--	--	--	--	---	---

Toco de cigarro o pinheiro solitário no campo queimado. Delores Pires	Canecas de lata... Soltam bolhas de sabão crianças descalças. Fanny Dupré	Rojões, bandeiras desfile de cavaleiros é festa de peão! Francisco Handa	Maria Fumaça sobre as barbas-de-bode jogando fumaça.. H. Masuda, Goga	No beiral, dois pássaros trinado e mergulho no ar micalhas no chão. José N.Reis	Vai-se a primavera... Brancas flores de mamoeiro ainda entreabertas... Suely de Moraes	Na encosta do morro florescem lírios-da-paz... Em baixo, a favela. Teruko Oda
H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996						

TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE PRIMAVERA

Na entrada da rua, pelo chão de flores brancas da sempre-lustrosa. Antônio Seixas	Pé de jataí, alto e forte, se destaca, no grande pomar. Argemira F. Marcondes	Colírio aos olhos... céu salpicado de rosas, flores de cerejeira. Cecília do Amaral Cardoso	Menino com vara, imóvel espera o peixe. Cavala aparece. Cecy Tupinambá Ulhôa	A perder de vista, o cacau amadurece agarrado aos caules... Darly O. Barros	Faz a sombra fresca uma casuarina na beira da praia. Denise Cataldi	Uma trilha larga e cheio de capivara. Colônia das grandes. Fernando Vasconcelos
--	--	--	---	--	--	--

HAICUS EM FOLHA

Cintilando ao vento a pandorga colorida garotinho atento. K Alba Christina	Balança a pandorga a mão do garoto treme céu cheio de cores. Q Alba Christina	Na flor do abricó a cor e o aroma preparam sabor especial. Q Alba Christina	Gritos e algazarras! Pandorgas entrelaçadas, sob um céu azul. K Amália Marie Gerda	A pandorga voa, dança livre, como um pássaro. De repente, cai... Z Amália Marie Gerda	Céu sem nuvens, pandorga contra o vento. Linha retesada. D Amauri do Amaral Campos	Flor de abricó. Amadurece e cai à sombra da árvore. Z Amauri do Amaral Campos
Tarde ensolarada. Abelhinhas visitando flores de abricó. A Analice Feitoza de Lima	Dia da República. Poucas manifestações. Rojão solitário. F Angelica Villela Santos	Desfile no céu, pandorgas soltas ao vento. Bailado de cores. F Darly O. Barros	Estátua de pedra. Aos pés de Deodoro, flores. Dia da República. F Darly O. Barros	Promessas de frutos enfeitam ruas e praças. Flor de abricó. K Darly O. Barros	A flor de abricó antecipa a estação. Geléia na mesa. K Denise Cataldi	Vento sudoeste leva, a pandorga pra longe. Guri desolado. Q Denise Cataldi
Enfrentando o vento, pandorga dança no ar. Menino contente. B Djalda Winter Santos	A pandorga – no ar – vai descendo em parafuso. Caiu no telhado. K Flávio Ferreira da Silva	Ao redor da estátua, preto ao herói Deodoro. Dia da República. Q Flávio Ferreira da Silva	Dia da República. A banda toca o dobrado – começa o desfile. D Irai Verdan	Subindo na linha arruela de papel. Pandorga no alto. Q Manoel F. Menendez	Pelada de folhas, os galhos todos eretos. Flor de abricó. Q Manoel F. Menendez	Muito vento, pandorga cabeceando. Guri no controle. Z Manoel F. Menendez
Termina o dia. No horizonte o colorido da flor de abricó. Q Maria Mello	No céu de novembro as pandorgas coloridas vãos de papel. Q Maria Mello	Polpa de abricó. Amarelo apetitoso. Vem de linda flor. Q Nadyr Leme Ganzert	Dia da República – povo entoa junto à estátua hino nacional. B Renata Paccola	Dia da República. Na praça do marechal, povo reunido. F Renata Paccola	Diversos gurus lançam pandorgas ao céu em linhas cruzadas. K Renata Paccola	Corrida de gurus pandorga furta-cor caindo noutro quarteirão. F Rosangela Aliberti

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.11.07, quigos à escolha: Berinjela, Canícula, Maracatu.
Remeter até 30.12.07, quigos à escolha: Amor-de-moça, Dia do Circo (27.03), Milho.

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

PIQUENIQUE NO FRONT

Fernando Arrabal (tradução de Jjaqueline Laurence)
Gentileza de Tereza Menezes

Cenário: Um campo de batalha. Cerca de arame farpado de um lado a outro da cena. Perto da cerca vêem-se sacos de areia.

A batalha está no auge. Tiros de fuzil, metralhadoras, bombas que explodem. Zapo está sozinho em cena, deitado de bruços, escondido entre os sacos de areia. Está com muito medo. O combate pára. Silêncio. Zapo extrai de uma bolsa de lona um novelo de lã, agulhas e vai tricotando uma suéter já quase pronta. O telefone de campanha, que está perto dele, toca.

Zapo – Alô... Alô... às suas ordens, meu capitão. Aqui fala a sentinela do Setor 47... Nada de novo, capitão... Desculpe, meu capitão... Mas quando é que a gente vai começar o combate? E o que é que faço com as granadas? Atiro elas pra frente ou pra trás? Não me leve a mal. Não falei por mal, meu capitão, eu tou me sentindo tremendamente só... o senhor não podia mandar um companheiro para cá? Podia ser até aquela cabra. *(Sem dúvida, é repreendido.)* Às suas ordens, às suas ordens, meu capitão. *(Zapo desliga. Resmunga alguma coisa entre dentes. Silêncio. Entram o senhor e senhora Tépan, carregados como quem vai a um piquenique. Falam com o filho que, de costas, não percebeu a chegada deles.)*

Sr. Tépan *(cerimoniosamente)* – Levante-se, meu filho, e dê um beijo na testa de sua mãe. *(Admirado, Zapo se levanta e beija a mãe na testa com muito respeito. Quer falar, mas o pai corta-lhe a palavra.)* E agora me dê um beijo.

Zapo – Paizinho e mãezinha queridos, como vocês se atreveram a vir até aqui? É muito perigoso. Vocês têm que ir embora.

Sr. Tépan – Por acaso está querendo ensinar a seu pai o que é a guerra e o perigo? Para mim tudo isto não passa de uma brincadeira. Quantas vezes já saltei do metrô em movimento.

Sra. Tépan – Nós achamos que você devia estar se aborrecendo, então, resolvemos te fazer uma visitinha. Afinal de contas esta guerra deve ser muito chata.

Zapo – Às vezes.

Sr. Tépan – Sei muito bem como é. No começo tudo é novidade: é muito divertido matar, atirar granadas; é muito chique usar um capacete, mas a gente acaba se chateando. No meu tempo a coisa era bem diferente. As guerras eram muito mais movimentadas, mais coloridas. E além do mais, havia cavalos, muitos cavalos. Era uma delícia; se o capitão dizia: “Atacar!”, num minuto estávamos todos a postos, a cavalo, de uniforme vermelho. Era uma festa para os olhos. Depois vinham as investidas: a galope, espada na mão e, de repente, frente a frente com o inimigo que, por sua vez, também estava à altura das circunstâncias, com seus cavalos, suas botas envernizadas, seu uniforme verde. Havia sempre cavalos, um montão de cavalos, de ancas roliças.

Sra. Tépan – Não, você está enganado, o uniforme do inimigo não era verde, era azul. Me lembro bem que era azul.

Sr. Tépan – Estou te dizendo que era verde.

Sra. Tépan – Quando era menina, cansei de olhar a batalha do terraço. Eu dizia ao garoto do vizinho: “Aposto um chiclete que os azuis vão ganhar”. E os azuis eram nossos inimigos.

Sr. Tépan – Está bem, você ganhou.

Sra. Tépan – Sempre adorei batalhas. Quando era pequenina eu dizia que quando crescesse queria ser coronel dos dragões. Mas mamãe não quis, você sabe como ela é cheia de princípios.

Sr. Tépan – Sua mãe é uma toupeira.

Zapo – Desculpem, mas vocês vão ter que ir embora. Quem não é soldado não pode entrar na guerra.

Sr. Tépan – A guerra que se dane. Viemos aqui para fazer um piquenique com você e vamos aproveitar o domingo.

Sra. Tépan – Preparei uma comida ótima: salame e ovos cozidos, que você gosta tanto, sanduíches de presunto, vinho tinto, salada e doces.

Zapo – Está bem, como quiserem. Mas se o capitão vier aqui vai ficar uma fera. Ele não gosta nada de visitas na trincheira. Não pára de repetir

pra gente: “Na guerra é preciso disciplina, granadas, mas nada de visitas.”

Sr. Tépan – Pode deixar o seu capitão comigo. Eu dou um jeito nele.

Zapo – E se o combate recomeçar?

Sr. Tépan – Você acha que isso me mete medo? Já vi muitos! Se ainda fossem batalhas a cavalos! Os tempos mudaram, você não pode compreender. *(Pausa.)* Viemos de motocicleta. Ninguém disse nada.

Zapo – Na certa pensaram que vocês estavam servindo de árbitros.

Sr. Tépan ~ Mas não foi fácil chegar até aqui. Com todos esses tanques e jipes.

Sra. Tépan – E aquele engarrafamento por causa de um canhão, quase na chegada?

Sr. Tépan – Em tempo de guerra tudo pode acontecer. Todo mundo sabe disso.

Sra. Tépan – Muito bem. Agora, vamos comer.

Sr. Tépan – Ótima idéia, estou com uma fome de tigre. É o cheiro de pólvora.

Sra. Tépan – Vamos comer sentados sobre o cobertor.

Zapo – Vou comer de fuzil?

Sra. Tépan – Deixa teu fuzil em paz. É falta de educação sentar na mesa segurando o fuzil. *(Pausa.)* Mas, menino, você está sujo, como um porquinho. O que é que você fez pra ficar nesse estado? Deixa eu ver as mãos.

Zapo *(envergonhado)* – Tive que me arrastar no chão por causa das manobras.

Sra. Tépan – As orelhas?

Zapo – Lavei de manhã.

Sra. Tépan – Bem, estão mais ou menos. Os dentes? *(Ele mostra os dentes.)* Muito bem. E quem é que vai dar um beijinho no seu filhinho que escovou muito bem os dentinhos? *(Ao marido.)* Vamos, dê um beijinho no teu filhinho que escovou muito bem os dentinhos. *(O Sr. Tépan beija o filho.)*

Sra. Tépan – Porque há uma coisa que não posso admitir, é que só por causa da guerra, você deixe de tomar banho.

Zapo – Eu sei mamãe. *(Comem.)*

Sr. Tépan – Então, meu filhinho, você tem acertado no alvo?

Zapo – Quando?

Sr. Stépan – Nesses dias, ora!

Zapo – Onde?

Sr. Stépan – Agora você não está na guerra?

Zapo – Não. Quase nada. Quase nunca acerto o alvo.

Sr. Tépan – O que é que você tem acertado mais: os cavalos inimigos ou os soldados?

Zapo – Não, nenhum cavalo. Não tem mais cavalo, não.

Sr. Tépan – Soldados, então?

Zapo – Talvez.

Sr. Tépan – Como talvez? Você não tem certeza?

Zapo – É que eu atiro sem mirar... e rezo um padre-nosso pelo sujeito que acertei.

Sr. Tépan – Você precisa ser mais corajoso. Como teu pai.

Sra. Tépan – Vou pôr um disco na vitrola. *(Põe o disco: um passo-doble. Os três ficam ouvindo, sentados no chão.)*

Sr. Tépan – Isto que é musica, sim senhora. Olê! *(A música continua. Entra um soldado inimigo, Zepo. Está vestido da mesma maneira que Zapo. SÓ A COR DIFERE. Zepo está de verde e Zapo de cinza. Zepo ouve a música, embasbacado. Está atrás da família, que não pode vê-lo. Ao levantar-se, Zepo vê Zapo. Os dois põem as mãos ao alto. O Sr. e Sra. Tépan os observam bastante espantados.)*

Sr. Tépan – O que é que há? *(Zapo reage, hesita, finalmente, com ar decidido, mira Zepo com seu fuzil. Zepo levanta os braços ainda mais apavorado. Zapo na sabe o que fazer, de repente. Vai rapidamente até junto de Zepo e dá-lhe um toque no ombro, de leve, dizendo ao mesmo tempo:)*

Zapo – Peguei um prisioneiro! Pronto. *(Dirigindo-se ao pai, muito feliz.)*

Sr. Tépan – Muito bem. E agora, o que é que você vai fazer com ele?

Zapo – Não sei, mas é bem capaz que eu seja promovido a cabo.

Sr. Tépan – Por enquanto é melhor amarrá-lo!

Zapo – Amarrá-lo? Por quê?

Sr. Tépan – Um prisioneiro, a gente amarra.

Zapo – Como?

Sr. Tépan – Pelas mãos.

Sra. Tépan – Claro, é preciso amarrar-lhe as mãos. Sempre vi fazer isso.

Zapo – Muito bem. *(Ao prisioneiro.)* Junte as mãos, por favor.

Zepo – Não me machuque muito, tá?

Zapo – Tá.

Zepo – Ai! Está me machucando.

Sr. Tépan – Ora, não maltrate o seu prisioneiro.

Sra. Tépan – Foi assim que eu te eduquei? Quantas vezes te disse que se deve ser atencioso com os outros?

Zapo – Foi sem querer. *(A Zepo.)* E assim, dói?

Zepo – Não, assim não.

Sr. Tépan – Não faça cerimônias, pode falar francamente; não se preocupe conosco.

Zepo – Assim está bem.

Sr. Tépan – Agora os pés.

Zapo – Os pés também? Que trabalhadeira!

Sr. Tépan – Mas não lhe ensinaram as regras?

Zapo – Ensinaram.

Sr. Tépan – Então?

Zapo *(A Zepo, muito educadamente)* – Quer fazer o obséquio de sentar-se no chão?

Zepo – Está bem, mas não me machuque.

Sra. Tépan – Está vendo? Ele vai ficar com raiva de você.

Zapo – Claro que não. Estou machucando o senhor?

Zepo – Não, está tudo bem.

Zapo *(repentinamente)* – Papai, que tal se você tirasse uma fotografia? O prisioneiro no chão, e eu com um pé na barriga dele?

Sr. Tépan – Isso. Vai ficar ótimo!

Zepo – Ah, isso não, não quero!

Sra. Tépan – Ah, diga que sim, não seja desmancha prazeres.

Zepo – Não. Eu disse que não e é não.

Sra. Tépan – Um retratinho de nada, não vai lhe fazer mal nenhum. Poderíamos coloca-lo na sala de jantar, ao lado do diploma de salvamento que o meu marido ganhou treze anos atrás.

Zepo – Não adianta, a senhora não vai me convencer.

Zapo – Mas por que você não quer?

Zepo – Sou noivo. E se algum dia minha noiva vir essa fotografia, vai dizer que não sei lutar na guerra.

Sr. Tépan – Ora, é só dizer que não é o senhor, que é uma pantera. Anda, diga que sim.

Zepo – Está bem. Mas é só para agradar a senhora.

Zapo – Se espiche aí. *(Zepo deita-se completamente. Zapo coloca um pé sobre a barriga dele, e segura o fuzil com ar marcial.)*

Sra. Tépan – Estufe o peito mais um pouco.

Zapo – Assim?

Sra. Tépan – Faça cara de herói.

Zapo – Cara de herói? Como é que é?

Sr. Tépan – Ora, imite a cara do açougueiro quando contava suas façanhas amorosas.

Zapo – Assim?

Sr. Tépan – Assim, exatamente.

Sra. Tépan – Estufe bem o peito e não respire.

Zapo – Ainda vai demorar muito?

Sr. Tépan – Um pouco de paciência. Um, dois, três.

Zapo – Tomara que eu saia bem.

Sra. Tépan – Vai sair sim, você estava muito marcial.

Sr. Tépan – Você estava muito bem.

Sra. Tépan – Estou até com vontade de tirar um retrato com você.

Sr. Tépan – Boa idéia.

Zapo – Está certo. Eu bato

Sr. Tépan – Me dá seu capacete. Assim eu fico parecendo um soldado.

Zepo – Não quero mais saber de retrato. Um já chega.

Zapo – Que bobagem. Que diferença faz para o senhor?

Zepo – É a minha ultima palavra.

Sr. Tépan *(à mulher)* – Não insistam. Os prisioneiros são sempre muito susceptíveis. Se insistir, ele vai se zangar e estragar a festa.

Zapo – Está bem. E agora, o que é que se faz com ele?

Sra. Tépan – Podemos convidá-lo para almoçar. Que é que você acha?

Sr. Tépan – Não vejo nenhum inconveniente.

Zapo *(a Zepo)* – O senhor almoça conosco, não almoça?

Zepo – Hum...

Sr. Tépan – Temos aí um bom vinho.

Zepo – Então tá.

Sra. Tépan – Faça como se estivesse em sua casa. Se não gostar, pode reclamar.

Zepo – Está bem.

Sr. Tépan – Diga-me, o senhor tem acertado o alvo?

Zepo – Quando?

Sr. Tépan – Nesses dias, ora.

Zepo – Onde?

Sr. Tépan – Ora, o senhor não está na guerra?

Zepo – Não, quase nada. Quase nunca acerto no alvo.

Sr. Tépan – O que é que o senhor tem acertado mais? Cavalos inimigos ou soldados?

Zepo – Não, cavalo nenhum. Não tem mais cavalo.

Sr. Tépan – Soldados, então?

Zepo – Pode ser.

Sr. Tépan – Como pode ser? O senhor não tem certeza?

Zepo –É que eu atiro sem mirar, *(Pausa.)* E rezo uma ave-maria pelo sujeito que acertei.

Zapo – Uma ave-maria? Pensei que fosse um padre-nosso.

Zepo –Não, é sempre uma ave-maria. *(Pausa.)* É mais curto.

Sra. Tépan *(a Zepo)* – Se o senhor quiser, podemos desamarra-lo.

Zepo – Não senhora, pode deixar. Estou bem.

Sr. Tépan – Não comece a fazer cerimônias conosco. Se quiser que a gente desamarre, é só falar.

Sra. Tépan – Fique à vontade.

Zepo – Bom, já que insistem, podem desamarra meus pés. Mas faço isso só para agradar a senhora.

Sr. Tépan – Zapo, desamarre ele. *(Zapo desamarra.)*

Sra. Tépan – Então, está se sentindo melhor agora?

Zepo – Estou, claro. Mas acho que estou incomodando.

Sr. Tépan – De jeito nenhum, faça como se estivesse em sua própria casa. E se quiser que a gente desamarre as mãos, é só pedir.

Zepo – Não, as mãos, não. Não quero incomodar.

Sr. Tépan – Menino, desamarre as mãos dele.

Sra. Tépan – Que bom! Já que o senhor prisioneiro é tão simpático, vamos passar um ótimo dia no campo.

Zepo – Não me chame de senhor prisioneiro. Diga só prisioneiro, por favor.

Sra. Tépan – O senhor não se incomoda?

Zepo – Não senhora, absolutamente.

Sr. Tépan – O senhor é muito modesto.

Ruído de aviões.

Zapo – Aviões. Na certa, vão nos bombardear. *(Zapo e Zepo atiram-se sobre os sacos de areia, escondendo-se.)*

(conclui no próximo número)